

O COMMERCIO DE BARCELLOS

SEMANARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO.

ASSIGNATURAS

ANNO XI

Barcellos: trimestre, 300 rs.; semestre, 600 rs. Fora de Barcellos: paga adiantada—trimestre, 360 rs.; semestre 720 rs. Brazil: anno, 2.400 rs. N.º ayulso, 30 rs. Redacção e Administração Rua Direita — para onde toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte.

BARCELLOS

Domingo 7 de Julho de 1895

PUBLICAÇÕES

Anúncios, linha 30 rs. Repetições 20 rs. Corpo do jornal 40 rs. Os srs. assignantes gozam o abatimento de 25 %. Anunciam-se as publicações litterarias, de que se receba um exemplar.

N.º 272

AS FESTAS E A POLITICA

A capital esteve em festa, e a politica andou cabriolando por entre os foguetes, as luminarias e os cortej's, desde o mais venerando até ao mais ridiculo.

O centenário de Santo Antonio, desde que foi invadido pela politica, perdeu todo o seu grandissimo merecimento; e a capital em todas essas grandes festas, diga-se a verdade toda, não deu o melhor testemunho de si.

Não pertencemos ao numero, dos que asseveram, que o thaurmurgio portuguez não estava na plana de exigir de nós tão altas homenagens, porque o seu nome não está fundamente gravado na alma da patria.

Não o pensamos nós assim; porque em toda a historia da monarchia portugueza não ha nome, nem mais conhecido do povo, nem mais adorado pelo povo, porque o povo, não é nenhuma meia duzia de centos de individuos, que se arrogam a importancia de candidatos a governação do estado, mas é, sim, essa massa enorme, que se move em um labutar continuo pela vida da nação.

Sentimos que a politica viesse fazer espirito com aquillo, com que a politica nada teria que vêr; e se não foi do nosso agrado, que qualquer partido quizesse fazer das festas coisa só muito sua, também reprovamos os excessos de desvaivamento, com que na capital se terminaram aquellas festas imponentes de modo, a que nunca mais tenha direito a esperar ali grande concorrência de forasteiros, quando haja de convidal-os para as suas festas.

Quer-nos parecer, que o modo como foram despedidos os forasteiros trará consigo enorme desvantagem para o commercio e para a industria da capital, que não é o paiz, nem d'elle tem procuração bastante para representar os seus sentimentos mais entranhados.

Muito longe de nós o proposito de fazermos politica de um acontecimento, que nada tinha que vêr com ella, e mal vae a um partido quando se aproveita de factos d'esta ordem, para combater os actos dos seus adversarios politicos no campo da legalidade e do bom senso.

Pe/a nossa parte cedemos de toda e qualquer parcella de gloria, que nos podesse caber em semelhante tarefa, que repudiamos por completo e por absoluto, e isto vá a quem fôr, toque a quem tocar.

E se ahí ha tanto, tanto, san-o Deus, de pôdrê e de corru-

pto no modo como se vae fazendo a administração publica, e que é preciso, e urgentissimo mesmo, pôr a descoberto, para que o paiz conheça o mal de que vae enfermando, e a gangrena que o acomette, para que nos tenhamos nós de aproveitar das festas a Santo Antonio de Lisboa para com ellas atacarmos o governo?!

Para que havemos de transformar o actual ministerio em uma meza administradora de uma confraria de Santo Antonio, e deslocar-o da emittencia em que tão pessimamente está dirigindo os negocios publicos e desvirtuando as instituições?

Pois não será melhor dizer ao paiz, que as leis, que nos regem, são de um tecido de borrhacha, que se estendem para uns e se encolhem para outros?

E ahí vae um facto muito recente.

O parcho da Sé de Bragança, rev. João Manoel de Moraes, de idade de 81 annos e com 53 de serviço, requereu a sua aposentação no mais pleno uso do seu direito, e poucos haverá em todo o paiz, que lhe possam levar vantagens no intuito de se aproveitar da lei das aposentações. O seu processo acha-se concluido e prompto; e nada mais havia a exigir do requerente, quando o sr. ministro do reino pede ao delegado de sua confiança n'aquelle districto, para que lhe informe se o pretendente pertence á communhão politica do governo.

Por aqui se vê que as nossas leis são de borrhacha; se é nosso, aproveita-lhe a lei; e, se não é nosso, não tem que ver com a lei, que deve de ser igual para todos!!

Ora isto é serio? Não é isto mais repugnante, mais asqueroso, mais indigno, do que todos os archotes em chamma, e todas as confrarias em passeio? E' por certo.

CONSELHEIRO BARRÓS GOMES

Um dos mais eminentes oradores do congresso catholico internacional realizado em Lisboa foi o sr. conselheiro Henrique de Barros Gomes, uma gloria do partido progressista.

O discurso de s. ex.^a, que foi entusiasticamente applaudido e que tem sido muito apreciado na imprensa, corresponden ao elevado critério e solida illustração do nobre estadista.

Não nos tendo sido possível obter o seu retrato a tempo, de aqui lhe prestamos a homenagem da nossa admiração e respeito, agora que o illustre esta-

disto tanto se destacou pelo bom senso e erudição do seu discurso no congresso, limitamo-nos a inserir o extracto, bem que resumido, da sua brilhante oração.

A questão social, diz o orador, não pode resolver se sem fé. Para se pôr termo á questão social é mister cuidar da educação da mocidade, inculcar a creança, desde tenra idade, o amor de Deus, que é a fonte de toda a justiça e sem o qual não ha justiça social.

A religião não pode ser mera questão de sentimento, deve ser confirmada pela razão, sendo necessaria a theologia para a esclarecer.

A chamada c'asse media ignora completamente todos os motivos da nossa fé, e por isso ri-se d'ella. Hoje, geralmente é se christão apenas pelo sentimento da caridade, e não pela razão; mas é necessario que este estado de cousas acabe e nos elevemos á altura das outras nações. Na Hespanha e na Belgica os espiritos são christãos pela razão.

E preciso que a fé e a sciencia caminhem juntas, para que a fé faça da sciencia uma virtude, e a sciencia da fé uma força. E' necessario acompanhar a creança desde o berço, cercando-a de todas as ideias espirituualistas e inculcando-lhe a ideia do amor de Deus. E' indispensavel o ensino da doutrina christã nas escolas primarias; mais tarde, nas secundarias, dar uma ideia clara da religião e ensinar a rebater os pueris argumentos dos romances livros e jornaes.

A Igreja não quer fé sem razão. O Concilio do Vaticano decretou que ninguem impute á Igreja o exigir fé absoluta cega.

Tenha-se fé humilde, mas esclarecida.

Quem deve intervir na inspecção do ensino religioso nas escolas primarias são os parochos (applausos). Não confiemos o ensino do cathecismo a um professor qualquer, cujas ideias se jam inteiramente contrarias a elle.

Nas escolas secundarias deve ensinar se dogma, moral e liturgia. Desenganem-se: ou atheismo ou catholicismo

O orador refere-se em seguida ao que succede na Alemanha, onde o ensino religioso acompanha a creança desde a instrução primaria até ao ultimo exame. Na Hespanha, o governo viu-se ha pouco forçado a decretar a criação de cadeiras para o ensino da religião nos lyceus e universidades.

Na Belgica foi modificada a lei do ensino. Allí hoje, logo que vinte paes de familia peçam o ensino religioso na escola, é este dado á custa do governo.

Trabalhem para que entre nós se publique uma lei, que satisfaça as nossas justas aspirações. Espalhem o ensino da religião que dá um Cardeal Gibbons (Arcebispo de Baltimore), que defende os *cavalleiros do trabalho* (associação d'operarios americanos); um Cardeal Manning, que consegue pacificar o temeroso conflicto entre as classes operarias da Inglaterra e o

capital. Trabalhem n'isto, que prestaremos assim um importante serviço á religião e á patria.

Ainda a proposito do congresso e refutando algumas arguições de má fé dirigidas ao discurso do sr. conselheiro Barros Gomes pela «Vanguarda», escreve o nosso presado collega «Correio Nacional» o seguinte:

A Vanguarda defende hoje o ideal da secularisação do ensino e ataca o discurso proferido pelo sr. Barros Gomes no Congresso Catholico, attribuindo ao illustre estadista não apenas as ideias que s. ex.^a preconizou, mas também o asserto de que em todos os cursos superiores deve ser ensinada a theologia.

Esta ultima proposição não foi sustentada pelo sr. conselheiro Barros Gomes. A Vanguarda inventa n'este ponto, para não perder o costume. O que o sr. Barros Gomes disse a este respeito foi que se congratulava pelo facto de ser mantido o curso theologico na universidade, onde realmente devem ser ensinadas todas as sciencias.

Relativamente á defeza que o sr. Barros Gomes fez do principio de que deve ser ensinada a religião das escolas, com as garantias necessarias, parecia nos que a Vanguarda, afirmando outra doutrina, devia combater os argumentos com que o orador sustentou a sua these, apoiando-se nos exemplos da Alemanha, da Belgica e da Hespanha. Mas é mais facil á Vanguarda oppor-se, a uma convicção fundamentada, com os meros palavões de uma moda que foi já preterida por todos os grandes espiritos do nosso tempo.

E também a este respeito devemos dizer que o sr. Barros Gomes não assignalou no seu discurso que o ensino primario devia estar na mão do clero e o ensino secundario devia estar sob a superintendencia dos bispos. O que o orador accentuou foi que o ensino religioso, necessario nas escolas, reclamava n'estas a intervenção do clero, mas unicamente quanto a essa parte da instrucção.

No Correio Nacional de 26 de junho ultimo veiu um extracto fiel do discurso do sr. Barros Gomes, que just ficou as suas conclusões com a historia da legislação belga, allemã e hespanhola. Nenhum homem consciencioso deixará de reconhecer que a Vanguarda ou não comprehendu o discurso ou o adultera com má fé extraordinaria.

O PADRE KNEIPP

O padre Kneipp, que foi um humilde tecelão na Suabia e hoje é parcho em Woerishofen, não é o primeiro sacerdote catholico que se dedica á medicina seguindo a «hydrotherapia», mas com certeza é este o homem que melhores resultados tem obtido da agua pura no tratamento das molestias.

Os jornaes mais lidos na Europa e na America tem enviado seus «reporters» ao consultorio do humilde ecclesiastico; portanto tem-se publicado admiraveis descrições do que se passa na casa d'aquelle grande benemerito da humanidade. Um d'elles foi ultimamente o do insuspeito «Journal des Debats», de que vamos transcrever os trechos mais importantes:

«Sinto certa hesitação ao começar esta carta, em que devo referir-vos o que se vê em Woerishofen. Nada do que vou dizer é senão purissima verdade.

E' quasi inutil a descripção de Woerishofen. Mal conhecida ha dez annos atraz, pelo menos fora da Alemanha, esta aldeia-sinha de 800 almas, perdida a uma das altas chapadas da Baviera, viu dilatar-se a sua reputação pelo mundo, ao mesmo tempo que o nome de Kneipp, seu cura, chegava á celebridade... Participa do maravilhoso, e pareceu lenda que n'este fim de seculo, tão cheio de scepticismo, podessem ainda as lendas ganhar credito».

«Este anno já passaram por aqui quinze mil doentes, algarismo officialmente registrado no escriptorio do Kneipp Venerem, doentes de todas as categorias e paizes, desde o banqueiro viennense Rothschild até ao simples operario inglez, desde o americano até ao asiatico, cujo vestuario nacional dá em vista n'esta pequenina aldeia.

O espectáculo é mais curioso deante de «Kur Haus», especie de hospital feito por Kneipp, e onde se acha a sala das consultas. Amonteam-se doentes de toda a especie do lado de fóra, na sala de espera e pelos corredores; uns vem em carrinhos, outros são trazidos a braços, aleijados de horroroso aspecto, desgraçados que já não tem forma humana. Por occasião da minha primeira viagem aqui, encontrei uma creancinha de 7 annos com os membros atrophiados e entortilhada de tal forma, que a traziam n'uma especie de cesta. Agora está saltando na corda e quasi de todo são! São frequentes as curas como esta, que tem qualquer coisa de milagroso.

